

## JULES MICHELET: UM OLHAR SOBRE A MÃE NO PAPEL DE FORMAÇÃO DA CRIANÇA

**Jules Michelet: look on women's role in children's education**

**Jules Michelet: una mirada sobre el papel de la madre en la formación del niño**

Terezinha Oliveira (DFE/PPE/UEM)<sup>1</sup>

Jacqueline Nunes Pereira (UFGD)<sup>2</sup>

---

### Resumo

Este artigo tem por objetivo analisar a abordagem de Jules Michelet sobre o papel da mulher na formação da criança no século XIX. Nossas considerações se pautarão em duas de suas obras, *A Mulher* e *o Povo*. Segundo o autor, a mulher como educadora é responsável pela formação da sociedade, uma vez que é a base da família que, por seu turno, é a base da pátria. Procuraremos identificar qual o papel que a mulher desempenha no processo de educação para com os seus filhos bem como ela é vista pelo autor no século XIX. Para Michelet, a educação está centrada nas mãos da mulher e ela é a responsável pela formação da próxima geração. Por fim, serão apresentados aspectos que nos reportem a uma análise histórica que permita refletir sobre o caminho que estamos trilhando quando se refere a educação das crianças, na sociedade contemporânea.

---

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação. Michelet. Mulher. Criança.

### Abstract

This paper aims to analyze Jules Michelet's perspective on the women's role in children's education in the 19th century, based on two literary works of the author: *The Woman and The People*. According to the author, as an educator the woman is responsible for society formation. She's the family basis which in turn is the basis of the country. This paper seeks to identify what role woman's play in the education process towards their children and how she was seen by the author in the 19th century. Michelet considers that education is centered in women's hands and they are responsible for the education of the next generation. Finally, it will be presented aspects to allow an

---

<sup>1</sup> Pós-Doutora em História e Filosofia da Educação na Faculdade de Educação da USP. Professora associada nível c, docente do departamento de Educação da Universidade Estadual de Maringá. Coordenadora do grupo de pesquisa transformações Sociais e Educação nas épocas Antiga e Medieval. E-mail: teleoliv@gmail.com.br

<sup>2</sup> Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Maringá- UEM- Docente da Universidade Federal da Grande Dourados –Faculdade de Educação- FAED GPHEG Participa como pesquisadora do Grupo de Pesquisa e Estudos em Educação: História do Ensino Rural, Instituições e Relações de Gênero e do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Física Escolar. Email: jacquelinenunes@ufgd.edu.br. Telefone (67) 9619-9965.

historical analyses and reflections about the path that is being treading for children's education in the contemporary society

---

**KEYWORDS:** Education. Michelet. Woman. Child.

### **Resumen**

El presente artículo tiene por objetivo analizar el enfoque de Jules Michelet sobre el papel de la mujer en la formación del niño en el siglo XIX. Nuestras consideraciones se basarán en dos de sus obras, *La mujer* y *El pueblo*. Según el autor, la mujer como educadora es responsable de la formación de la sociedad, ya que es la base de la familia que, a su vez, es la base de la patria. Buscaremos identificar qué papel desempeña la mujer en el proceso educativo de sus hijos y cómo la ve el autor en el siglo XIX. Para Michelet, la educación está concentrada en manos de la mujer y ella es la responsable de la formación de la próxima generación. Por fin, presentaremos aspectos que nos remitan a un análisis histórico que permita reflexionar acerca de la senda que estamos siguiendo en lo que respecta a la educación de los niños en la sociedad contemporánea.

---

**PALABRAS CLAVE:** Educación. Michelet. Mujer. Niño.

### **INTRODUÇÃO**

#### **A mulher e a educação**

Para Michelet, a educação não pode ser considerada como algo que se adquire apenas na elite, em uma cultura refinada, mas no seio de toda e qualquer sociedade que possa transmitir um conhecimento, seja entre operários, seja entre camponeses. Para ele, valorizar a educação é condição para conservar a história do povo. Michelet sustenta em seu discurso, a necessidade de valorizar a diversidade das fontes como a história oral, os costumes, a religião e os sentimentos inseridos em cada geração. Neste processo, considera fundamental também o respeito e a valorização de todos os membros da sociedade.

Sob este aspecto, Michelet acredita que a educação só poderá ser importante quando o próprio povo perceber a importância de sua ação na sociedade e reconhecer a necessidade de educar suas crianças. Assim, a educação passaria a ser harmônica, ou seja, todos fariam parte desse processo de vitalização da sociedade e o espírito patriota prevaleceria. Para ele, é na ação do próprio homem que se dá a mudança social e isso só é possível com o envolvimento do homem na sociedade.

Procurando delinear a importância da educação para a formação da criança, é que partimos para a análise a partir de duas obras de Jules Michelet; *A Mulher e o Povo*, que retratam, em especial, o papel da mulher na educação de seus filhos. Desse modo, o presente artigo tem como objetivo descrever o olhar que Jules Michelet, tem sobre o papel da mulher na formação da criança no século XIX.

Com base em *A Mulher e O Povo*, podemos compor uma pequena pirâmide sobre o que seria de maior ou de menor importância na sociedade para Michelet. Na base da pirâmide está a mulher, ela é influenciadora e formadora de opinião, a família está em suas mãos e, conseqüentemente, a sociedade. É importante ressaltar que essa

mulher apresentada por Michelet não é a adornada de jóias e deleites, que vive desfilando entre o conforto de sua casa e os salões de festas e recepções. A mulher que ele apresenta como ideal, que tem fortaleza e coragem, é a mulher do povo, aquela que desfila no coração da família, no posto de esposa e mãe. É a ela que ele atribui a força para amar, cuidar e guerrear pela França.

Ocorre em nacionalidade o mesmo que na geologia: o calor está embaixo. Quanto mais se desce, mais ele aumenta; nas camadas inferiores é escaldante. Os pobres amam a França como se tivessem obrigações e deveres com ela. Os ricos amam-na como se ela lhes pertencesse e lhes devesse favores. O patriotismo dos primeiros é o sentido e o dever; o dos outros, a exigência, a pretensão de um direito. O camponês como dissemos, desposou a França em matrimônio legítimo; ela é sua mulher para sempre, ambos são um. Para o operário, é a amante formosa; ele nada tem, mas tem a França, seu nobre passado, sua glória. Livre de idéias locais, ele adora a grande unidade. É preciso que seja bem miserável, escravizado pela fome, pelo trabalho, para que esse sentimento esmoreça nele; mas ele nunca se extingue (MICHELET, 1988, p. 103).

Não há como negar que a mulher é, além de outras interpretações que a passagem apresenta uma figura da pátria. A metáfora amar a pátria como uma mulher, além de suscitar mais uma vez a questão feminina, denuncia a inquietação de Michelet em face da indiferença dos homens ricos para com seu país. Para o pobre, a pátria é o único bem e herança que ele tem, a glória da França é seu único orgulho e isto a torna mais quista e idolatrada por ele. É evidente que, para Michelet, o verdadeiro patriotismo só floresce em sua essência entre os homens simples, de pouca ou nenhuma posse.

Do ponto de vista do autor, a harmonia social deveria ser o fio condutor da educação, esta deveria conduzir e preparar o indivíduo para a igualdade na diversidade deveria construir o ideal de 'pátria'.

A pátria surgiria então, jovem encantadora, ao mesmo tempo em sua variedade e em sua concórdia. Diversidade instrutiva de caracteres, de rostos, de raças, arco-íris de cem cores. Todas as classes, todas as fortunas, todas as roupas juntas nos mesmos bancos, o veludo e a blusa, o pão preto e o alimento delicado... Que lá o rico aprenda desde cedo o que é ser pobre, que ele sofra com a desigualdade, que obtenha o direito de partilhar, que trabalhe desde então para restabelecer a igualdade na medida de suas forças (...). O pobre aprenderá de seu lado, e memorizará por certo, que, se o rico é rico, não o é por culpa sua já nasceu assim; e que às vezes sua riqueza o torna pobre do primeiro dos bens, pobre de vontade e de força moral (MICHELET, 1988, p. 225).

O autor não debate aqui o fim da desigualdade, mas afirma que o ideal de pátria está, justamente, em conciliar a variedade e estabelecer a concórdia. A pátria é o resultado desta conciliação. Segundo ele, é preciso trabalhar estas diferenças para restabelecer a igualdade na sociedade.

O ideal da pátria unificada, como já dissemos, orienta toda a discussão de Michelet sobre a educação. É esse ideal que vamos encontrar quando nos detemos em identificar a forma como ele concebe a educação do povo e da mulher.

Considerando essas questões, ele vai pontuando em suas obras o papel do homem na sociedade. De seu ponto de vista, sua ação deveria estar relacionada com a busca constante por mudar e transformar a pátria, tanto do ponto de vista político como econômico e social. A educação da sociedade devia ter como base estes fatores. “A sociedade não deve ser mais que uma iniciação, do nascimento à morte, uma educação que englobe nossa vida neste mundo e prepare as vidas ulteriores” (MICHELET, 1988, p. 229).

Em *A Mulher*, Michelet discute a questão da família, das dificuldades para se constituir casamentos. Nessa obra, ele se posiciona contra o celibato, posiciona-se a favor da possibilidade dada pela Revolução<sup>3</sup> de se constituir, com base no amor, uma verdadeira família; esta união seria a base para a educação familiar. Segundo ele, com a Revolução, tanto as mulheres como os homens tinham se tornado livres e, com esse argumento, ele procura convencer os homens a se casarem.

Tende piedade da terra fatigada, que sem o amor já não teria razão de ser. Amái para a salvação do mundo. Se bem vos compreendi, desejaríeis muito fazê-lo, mas o receio vos detém. Francamente tendes medo das mulheres. Se a mulher continuasse a ser uma coisa, como outrora, vós casaríeis, mas então meus caros amigos, não haveria casamento. É a união de duas pessoas. Só agora o casamento começa a se tornar possível, justamente porque hoje ela é uma pessoa, uma alma (MICHELET, 1995, p. 47).

Na parte desse livro, destinada à educação da mulher francesa, no século XIX, fica explícito que ele a considera como a base da unidade social. Para ele, como a mulher possui o amor, ela é a alma da França. Ela é considerada como a grande desencadeadora das ações dos homens.

Toda mulher é um altar, a coisa pura, a coisa santa, em que o homem, abalado pela vida, pode a cada hora encontrar a fé, reencontrar a sua própria consciência, conservada mais pura do que nele. Toda mulher é uma escola, e é delas que as gerações recebem realmente sua crença. Muito antes que o pai pense na educação. A mãe deu a sua, que não mais se apagará (MICHELET, 1995, p. 118).

Michelet concebe a mulher como formadora de opinião. Nesse livro, ele a descreve como tal e deixa transparecer sua preocupação com as mudanças de hábito da sociedade. Ao apontar as causas do enfraquecimento, por exemplo, das relações conjugais, ele aborda a questão da mulher operária.

Quem fala mulher, aqueles que ofereceram à miséria das moças da cidade, à cegueira da camponesa, o recurso funesto de um trabalho exterminador e a promiscuidade das manufaturas! Quem fala mulher, fala criança; em cada

---

<sup>3</sup> Michelet está tratando de uma revolução advinda da Revolução Francesa que abrange, o período de 1789 a 1799. No entanto, é um acontecimento muito mais abrangente, pois, desfazendo o Antigo Regime, abre as portas de toda a Europa para as reformas políticas, sociais e econômicas do século XIX. Impulsiona a destruição do resto do feudalismo, cria condições para a tendência ao nacionalismo, para a abolição da monarquia absoluta e para a democracia. O conceito micheletiano de revolução só pode ser visto a partir do espírito revolucionário de seu povo, capaz de reescrever a sua própria história.

uma delas que foi destruída, várias crianças, e a esperança das gerações vindouras. Barbárie de nosso ocidente! A mulher já não é levada em conta para o amor, para a felicidade do homem, menos ainda como maternidade e como potência de raça; Mas como operária! (MICHELET, 1995, p. 14).

A saída da mulher para o trabalho, do seu ponto de vista, prejudicaria a sua função de condutora das gerações futuras. Cansada, ela abortaria ou teria filhos desnutridos. Diversas doenças contribuiriam para arruinar a saúde da mulher, como fadigas, violações conjugais, estados constantes de gravidez, abortos clandestinos. Para evitar estes males, Michelet sugere que a mulher se afaste da vida ativa, pois esta situação só destruiria a família, extinguiria as “gerações”.

Como ficará um povo se sua coluna se enfraquecer, perder a verdadeira razão ou desaparecer? A preocupação de Michelet com a mulher é, na realidade, uma preocupação com o conjunto da sociedade, tanto no presente, resultado das transformações históricas, como no futuro, com as próximas gerações. Por este motivo, ele se manifesta contrário ao trabalho feminino e valoriza a mulher simples, desprovida de preconceitos, aberta a idéias inovadoras, que organiza a vida da família e o lar.

A mulher que deve esposar é aquela que apresentei no livro *O amor*, aquela que, simples e amorosa, não tendo ainda recebido uma marca definitiva, repelirá menos o pensamento moderno, aquela que não chega de antemão, inimiga da ciência e da verdade (MICHELET, 1995, p. 48).

É esta mulher que ele idealiza para a sociedade francesa, é ela que poderá contribuir para a recuperação da sociedade.

Como esposa, a mulher simples, que é possível educar um pouco. E, como filha, a mulher crente que um pai educará inteiramente. Assim estará rompido esse miserável. Com essa boa esposa, associada, pelo menos de coração, à fé do marido, este, seguindo o caminho fácil da natureza, exercerá sobre sua filha uma incrível ascendência de autoridade e de ternura. A filha acredita tanto no pai! Cabe-a ele transformá-la em tudo o que quiser. A força desse segundo amor, adorável ideal de graça na sabedoria, o único que possibilitará o recomeço da família e da própria sociedade (MICHELET, 1995, p. 48)

Para o autor, a mãe é a base da educação, é sustentação da família, da pátria, da natureza, da união. Por este motivo acredita que a criança deve conhecer a alma da pátria, ou seja, sua história, sua tradição, as especificidades de sua natureza. De que forma ela irá adquirir este conhecimento? Pela escola, sem dúvida, mas antes de tudo pela família, por seu pai e por sua mãe que a ensinam a amar a verdade, quer dizer, a lei da natureza e a integridade da humanidade.

Michelet acreditava em uma educação igualitária, em que todos deveriam ter o mesmo direito, em que a criança, em seu processo de formação, fosse colocada em um ambiente que não estivesse relacionado ao seu poder aquisitivo e que fosse favorável ao ensino de questões relevantes para o crescimento da pátria, para a unidade do povo.

Seria excelente que todos os filhos de um mesmo povo, assim reunidos ao menos por algum tempo, se vissem e se conhecessem antes dos vícios da pobreza e da riqueza, antes do egoísmo e da inveja. A criança receberia aí

uma impressão indelével da pátria, encontrando-a na escola não somente como estudo, mas como pátria criança, semelhante a ela, uma cidade melhor antes da Cidade, cidade de igualdade onde todos se assentariam no mesmo banquete espiritual (MICHELET, 1988, p. 225).

O autor almejava que as novas gerações fossem educadas com base na união das classes, independentemente de suas diferenças. O povo deveria ignorar a inveja, o ódio e o desprezo existentes na sociedade. Desta forma, as relações familiares refletiriam as relações do cidadão com o Estado.

Para Michelet, a mãe é a responsável pela formação da próxima geração, em especial, das filhas que, por sua vez, serão mães e educarão até a terceira geração. Este é um ciclo natural que continuará dependendo daquela que foi designada pela natureza para ser progenitora e educadora. É por isto que Michelet insiste em falar sobre o papel da mãe e sobre o real sentido da maternidade.

Por isso, por ser mãe, a mulher tem condições naturais para desempenhar um papel educacional fundamental na criação de uma sociedade de iguais. Que influência a mãe exerce na vida dos pequenos? O que seria deles sem ela? Deixemos que o autor responda:

Aquele que nasce é por muito tempo um morto provável; sem a mãe, um morto certo. (...) as mulheres que escrevem, imprimem, fizeram livros eloqüentes sobre a desdita de seu sexo. Mas se as crianças escrevessem, quantas coisas teriam para dizer! Diriam: “Tratai-nos bem, poupai-nos, nesses poucos meses e dias que em geral a severidade da natureza nos dá. Somos tão dependentes de vós! Vós nos dominais tanto, pela superioridade de força, de razão, de experiência!... Contanto que empregueis arte e bons tratos, seremos obedientes, faremos o que quiserdes. Mas não abrevieis a hora única em que estamos sob a tépida luz do sol e dentro da saia de nossas mães... Amanhã estaremos dentro da terra. E de todos os bens daqui da terra só levaremos suas lágrimas” (MICHELET, 1988, p. 81).

Pela superioridade de força, pela razão, a mãe educa, orienta. Se inicialmente o filho é dependente do colo da mãe, ela tem a função de prepará-lo para a vida e deixá-lo partir. A mãe deve cuidar de sua criança e permitir que ela desfrute de tudo o que é possível enquanto permanece na infância. Ela é uma nova semente e só a mãe pode ensiná-la e fazê-la crescer tanto física quanto espiritualmente.

Teu dever hoje é viver, crescer, comer bem, dormir melhor, correr pelos trigais, entre as flores. Mas nem sempre se pode correr, e ficarás muito feliz se tua mãe, tua irmã mais velha, brincarem contigo, tornarem-te hábil nesses trabalhos que são brincadeiras

[...]

O apoio da educação, sua alma e sua vida constante é aquilo que muito cedo aparece na consciência, o bom, o justo. A grande arte é que, pelo amor, pela doçura, pela ordem e harmonia, alma infantil, obtendo sua verdadeira vida sadia e completa, cada vez mais *perceba a justiça*, que está nela, inscrita no fundo do amor. [...] A criança, por si só, irá facilmente de um a outro.

Encontrará, sem procurar, isto: “*Devo amar minha mãe que me ama tanto*”.  
Aí está o *dever*. E nada mais natural (MICHELET, 1988, p. 82- 83).

O amor e a doçura, naturalmente plantada pela mãe, fazem dela o modelo de ordem, de harmonia. Para ele, a alma infantil deverá ser norteada pelo amor. Assim, a vida da criança será sadia e completa, uma vez que a justiça, a verdade e o dever serão incutidos pelo amor que a mãe, enquanto formadora, proporcionou ao seu filho.

Michelet aponta outros detalhes do cotidiano de uma família e da relação da mãe com os filhos, direcionando sua análise para um fim educativo, ou seja, enfatizando boas maneiras e atitudes e fazendo sugestões.

Quanto mais à menina vir a mãe atenta a manter-se limpa, mais quererá sê-lo ela mesma de corpo e, logo, de coração (...). Pureza, sobretudo de regime e de alimentação. Que se deve entender com isso? Entendo que a menina tenha uma alimentação de criança, que continue o regime lácteo, suave, calmo, pouco excitante; que se come em vossa mesa, seja habituada a não tocar em vossos alimentos, que são venenos para ela (MICHELET, 1988, p. 88)

Em contraposição a essas atitudes saudáveis, Michelet denuncia o hábito de uma alimentação cada vez mais desapropriada, mesmo da mãe. Ele argumenta que as crianças vão se tornando mais nervosas e fracas por se alimentarem de carnes vermelhas sangrentas, vinho e café. Com este regime, as mães se assustam de ver meninas tão exaltadas e violentas, mas não sabem que a própria alimentação que elas têm oferecido às filhas é a causa dessa alteração.

Nesse ponto, o autor apresenta tanto suas críticas como suas sugestões para a alimentação da menina. Nas entrelinhas, vemos um Michelet preocupado com a saúde física e consequentemente mental, vemos o ciclo que se forma a partir daí: se esta menina receber um regime alimentar adequado, a repercussão não se fará apenas em sua própria vida e saúde, mas influenciará a educação que ela, quando mãe, levará aos seus filhos e suas filhas, os quais, por sua vez, farão a mesma coisa com sua prole.

Vale lembrar que, na visão de Michelet, estes comentários e orientações são tidos como primordiais para a formação e sustentação da família, mas, acima de tudo, para a constituição e conservação da nação.

A mulher está no topo da família, como já nos referimos não como líder, pois a fortaleza está na figura do homem, do pai, mas como quem possui o poder de formar e influenciar. Para isto lhe foram dadas as características de doçura e fineza que faltam ao homem, um ser rústico com fortes braços para o trabalho.

Para partir brutalmente e quebrar a planta humana, como foi feito até aqui, não havia necessidade das mulheres. Mas elas serão reconhecidas como as únicas educadoras possíveis, à medida que se forem querendo cultivar em cada criança o gênio próprio e nativo que varia infinitamente. Ninguém além da mulher é assaz perspicaz, assaz doce, assaz paciente, para sentir tantas diferenças delicadas e para delas tirar partido (MICHELET, 1988, p. 87)

Segundo Michelet<sup>4</sup>, a educação deve ser totalmente diferente para o menino e para a menina. O menino deve ser formado como um criador, como a fortaleza da família, ao passo que a menina deve ser educada para estabelecer a harmonia da mesma, ou seja, ela é incumbida do papel de maior delicadeza, pois nele está seu poder de persuasão. Neste caso, também, a educação que Michelet propõe está relacionada à necessidade de se preparar tanto o menino quanto a menina para constituir a nação.

Segundo ele, para que os homens do século XIX sejam mais bem sucedidos na educação do que o foram até aquele momento, é preciso reconhecer essas diferenças. Diz Michelet (1995, p. 115).

Diferentes são as suas vocações e tendências naturais. Diferentes também a sua educação, diferentes no método, harmonizador para a menina, para o menino fortificante; diferente em seu objetivo, no que tange ao espírito principal em que se exercitará seu espírito.

Michelet revela que embora dê destaque à mulher, os homens e as mulheres são responsáveis pela educação dos filhos, dividindo-se na tarefa de lhes ministrar leituras e todas as demais ‘tarefas’ que implicam a educação de uma criança. Cada um deles tem um peso na formação do filho. A leitura oferecida pelo pai pode lhe trazer uma bagagem para toda a vida; com ela, aprende a conhecer, a respeitar as diferenças de costumes, de usos, de cultos. Ou seja, o hábito de leitura que, pelo conhecimento das diferenças, resultaria em maior esclarecimento e fortaleceria a noção de liberdade, contribuiria para a constituição de uma nação equilibrada. Afinal, educados para a liberdade e para a harmonia das classes sociais, o povo deveria participar dessa constituição, pois ele fazia parte direta desta história.

A educação desta menina é um processo que, segundo Michelet, só pode ser desenvolvido mediante o amor. Esta é a principal chave que a mãe tem em mãos para formar esta jovem, que, no futuro, será mãe. Essa criança deve se inspirar nela e tê-la como exemplo.

Que deverá ser ela? Uma harmonia. De acordo com qual espelho, ó mãe? Por quem se regerá ela? Todas as manhãs e todas as noites farão esta prece: “Meu Deus, fazei-me muito bela!... E que minha filha, para sê-lo, deva apenas olhar-me.” (MICHELET, 1988, p. 85)

Michelet elucida que não há nada como a mãe, que assume o papel de educadora e não ignora que é com suas palavras doces e, sobretudo, com seus atos que ela cultivará o caráter da infante.

Não podemos nos esquecer de que, na visão de Michelet, o papel que a mãe exerce sobre os filhos está relacionado com a unidade, com a busca da harmonia na

---

<sup>4</sup>, É importante destacar que Jules Michelet é um autor datado historicamente, do século XIX., pós Revolução Francesa. Michelet atribui ao povo o poder de ser o agente construtivo da nação, uma vez que ele representa uma força revolucionária capaz de intervir de maneira consciente no momento histórico em que vivia. Por esse motivo dá importância ao povo e, em especial, à mulher no projeto de transformação política da nação, especialmente quanto às suas potencialidades educacionais. Ele defende a importância do papel da mulher no lar, pois para ele, o lar, é a nação.



sociedade. Por este motivo, ele acredita que a presença da mãe no lar deve ser prioritária para a formação e sustentação da família, mas acima de tudo, para a constituição e conservação da sociedade francesa do século XIX.

Educar uma filha é educar a própria sociedade. A sociedade procede da família, cuja harmonia é mulher. Educar uma filha é uma obra sublime e desinteressada. Pois tu só as crias, ó mãe, para que ela possa deixar-te e fazer-te sangrar o coração. Ela está destinada a outro. Viverá para os outros, não para ti e não para ela. É esse caráter relativo que a põe acima do homem e faz dela uma religião. Ela é a chama de amor e a chama do lar. É o berço do futuro, é a escola, outro berço. Em uma palavra: Ela é o altar (MICHELET, 1988, p. 84).

Ao refletir, ainda, a respeito da educação, Michelet menciona Rousseau. Embora reconheça que ele foi o primeiro a apresentar com vigor o problema dos métodos na educação, não concorda com a sua maneira de ignorar que ‘o método não é tudo’. Michelet não aceita a proposta de Rousseau de que o aluno deve conduzir sua própria formação, desenvolver-se com base em suas próprias ações, de forma a ser capaz de apreender qualquer coisa. Isto, para Michelet, é um problema:

Apenas observo que ele não diz uma só palavra do segundo problema da educação: qual será o objetivo principal do estudo? Que aprenderá esse aluno? Supondo-se que Rousseau tenha conseguido formar um espírito enérgico, ativo, independente das rotinas comuns, a que se aplicará ele? Haverá algum conhecimento em que ele encontre seu desenvolvimento, sua ginástica natural? Não basta criar o tema; cumpre determinar o objetivo no qual ele se exercitará com mais vantagem. Denominarei esse objetivo a substância da educação (MICHELET, 1995, p. 114)

Michelet vê na mãe o papel principal nesse enredo, para ele, o método de ensino deve ser iniciado na base familiar, no contato direto da criança com a mãe. Diante de tantas evidências apresentadas por Michelet, sobre a importância da mãe na formação da criança no século XIX, é que buscamos por meio deste texto estimular a sociedade a refletir sobre o modelo de educação contemporânea. Nesse caminho o que de fato precisamos analisar é, sem dúvida alguma, como anda a formação de nossas crianças no âmbito familiar?

Ainda partindo das reflexões apresentadas por Michelet, podemos dizer que, a sociedade precisa reconhecer a necessidade de educar suas crianças, de se envolver no projeto político educacional de nação, para que as novas gerações não sofram ainda mais, com a falta de esclarecimento e formação do nosso país.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Não podemos ignorar que vivemos em tempos diferentes, em construções históricas diferentes, mas também, não podemos esquecer que o papel da mãe na formação humana da criança, mesmo em tempos distintos sempre terá o seu lugar de destaque. Ao final desta exposição, queremos ressaltar a importância de se compreender os momentos históricos e as dificuldades enfrentadas pelos indivíduos em busca de soluções para o

próprio desenvolvimento humano. A partir das reflexões propiciadas por meio dos exemplos apresentados nas obras de Michelet, podemos ao menos indicar que, a educação contemporânea precisa caminhar em busca de uma formação humana, que priorize a educação das crianças, sem desconsiderar a formação familiar, os ensinamentos maternos, o contexto histórico e social em que estão inseridas.

## REFERÊNCIAS

MICHELET, J. *O povo*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

\_\_\_\_\_. *História da Revolução Francesa: da queda da Bastilha à Festa da Federação*. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.

\_\_\_\_\_. *A mulher*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

PEREIRA, J.S.N. *O papel educacional da mulher e do povo em michelet: um projeto político de nação*. 2007. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá, 2007.

Recebido em: 20/08/2014

Aprovado em: 30/10/2014